

## **MUSEUS, EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO** **JORNADAS DE PRIMAVERA ICOM PORTUGAL**

**25 DE MARÇO 2024 – PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA**

\*\*\*\*

### ***Museus, Educação e Investigação***

**David Felismino**

O tema escolhido para celebrar o Dia Internacional dos Museus em 2024 pelo ICOM é *Museus, Educação e Investigação*. Os museus são espaços vitais onde Educação e Investigação convergem para moldar a nossa compreensão e interpretação do mundo. Ambas constituem funções basilares e tradicionais dos museus, além do inventário, da documentação, da conservação e da segurança. Os desafios do presente exigem, todavia, aos museus um papel expandido como agentes da vida comunitária e do progresso social. Obriga ao desenvolvimento de estratégias inovadoras, orientadas para um posicionamento mais proativo e colaborativo junto de múltiplas comunidades e de públicos não habituais. Significa um compromisso para com a inclusão, através da aproximação entre culturas, da contribuição para um mundo mais sustentável e do enfoque no bem-estar das populações. Ancorados nas produções materiais e imateriais humanas, os museus são sobre pessoas e para pessoas. Devem ser acessíveis e democráticos, comprometidos com a justiça social e a equidade. Esta comunicação reflete sobre o papel dos museus, em particular nas relações entre investigação e educação, e como ambas se interrelacionam.

### **David Felismino**

Licenciado em História – Ramo científico e pós-graduado em História Moderna pela Faculdade de Ciências e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É ainda Pós-Graduado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura, na variante Património e Projetos Culturais pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Desempenhou funções como investigador e curador no Instituto de Ciências Sociais, na Casa Fronteira e Alorna, no Museu Geológico, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência e no Museu da Saúde, tendo sido responsável pelo desenho do projeto museológico deste último. Desde 2020, é Diretor-adjunto de Coordenador do Serviço Educativo do Museu de Lisboa (EGEAC). É Presidente do ICOM Portugal (2023-2026), tendo sido Secretário, no triénio 2020-2023.

\*\*\*\*

***Expor a pesquisa: como passar do papel para a parede e quais as vantagens? O caso do projeto “O impulso fotográfico” no MUNHAC.***

**Teresa Mendes Flores, Soraya Vasconcelos, Catarina Mateus**

Esta comunicação apresenta as inter-relações entre uma pesquisa histórica e de cultura visual e o desenvolvimento de uma exposição. Se toda a exposição deve ter a pesquisa como base, nem sempre a pesquisa tem por objetivo transformar-se numa exposição. A academia tende a valorizar sobretudo a comunicação dos resultados através de textos, seja em artigos ou em livros. Vários desafios se colocam, então, nessa passagem “do papel para a parede”. Traremos o caso recente do projeto de investigação “O impulso fotográfico: medindo as colónias e os corpos colonizados. O arquivo fotográfico e fílmico das missões portuguesas de geografia e antropologia”, financiado pela FCT (PTDC/COM-OUT/29608/2017). O foco do estudo foram missões científicas de geografia e antropologia do Instituto de Investigação Científica Tropical, hoje, à guarda do Museu de História Natural e Ciência da Universidade de Lisboa, parceiro do projeto.

Comunicar através de imagens, sons, objetos e textos acessíveis a um público diversificado, trazendo também a arte e transpondo as questões teóricas para uma vivência e experiência físicas são alguns dos aspetos que abordaremos.

**Teresa Mendes Flores**

(Moçambique, 1969) é investigadora no Instituto de Comunicação da Nova onde integra a coordenação do grupo de investigação Cultura, Mediação e Artes e a direção do centro. Investigadora na área da cultura visual, história da fotografia e dos media óticos, leciona nas áreas da semiótica, arqueologia dos media e teoria da imagem. É co-editora da Revista de Comunicação e Linguagens, editada pelo ICNOVA. Foi investigadora responsável pelo projeto FCT Photo Impulse e uma das curadoras da exposição “O impulso fotográfico. (Des)arrumar o arquivo colonial” no MUHAC.

**Soraya Vasconcelos**

(n.1977) artista plástica, docente, investigadora; formada em pintura (2002, FBAUL), estudou também Fotografia e Filosofia e doutorou-se na área das Artes Visuais (2014, UAlg). Lecciona no curso de Fotografia da Universidade Lusófona. Foi investigadora contratada pelo ICNOVA para o projeto O Impulso Fotográfico, no qual desenvolveu propostas de investigação artística. A sua prática é multidisciplinar, mas realça a fotografia e a edição. Foi uma das curadoras da exposição “O impulso fotográfico. (Des)arrumar o arquivo colonial” no MUHAC.

**Catarina Mateus**

(Portugal, 1975) é conservadora-restauradora de fotografia desde 1997. Foi conservadora e curadora das coleções de fotografia do IICT e MUHAC. Mestre em Conservação Preventiva pela Universidade de Northumbria, tem formação superior em conservação e restauro pelo Instituto Politécnico de Tomar e pós-graduação em

fotografia pelo IADE. É membro do projeto Photo Impulse e foi uma das curadoras da exposição “O impulso fotográfico. (Des)arrumar o arquivo colonial” no MUHNAC.

\*\*\*\*

***Património Industrial. Memórias de Torres Novas, vila operária: o caso da Central do Caldeirão***

**Maria Elvira Marques**

Desde as últimas duas décadas do século XX, acompanhando a tendência internacional e nacional, também em Torres Novas, foram tendo alguma expressão as preocupações com o património industrial, sobretudo ao nível do estudo da tradição industrial de Torres Novas, e ao nível da salvaguarda do património material, nomeadamente com a preservação de algumas coleções provenientes de antigas unidades industriais e oficinas da vila e do concelho. Como resultado dessa sensibilização, apresentamos a recuperação da Central hidroelétrica de Torres Novas, a Central do Caldeirão, e a síntese histórica da antiga Empresa Industrial de Eletricidade do Almonda, numa abrangência integrada, objetivando as intervenções de conservação da coleção de maquinaria, mas também as ações que têm vindo a ser desenvolvidas ao nível do património imaterial, de recolha de memórias do trabalho, testemunhos e vivências comunitárias presentes no Núcleo Museológico da Central do Caldeirão, inaugurado a 01/05/2023. (Inclui um filme premiado pela APOM).

**Maria Elvira Marques**

Licenciada em História (Universidade de Évora, 1995), Mestre em História Social Contemporânea (ISCTE, 2000) e pós-graduada em Museologia e Estudos do Património Cultural (FCSH-UNL, 2010). Desenvolve a sua atividade profissional no Distrito de Santarém, de onde é natural e onde reside, no âmbito da história e da cultura, da história regional, do património cultural e da museologia, exercendo atualmente as suas funções em Torres Novas, nas áreas do estudo e valorização do Património Industrial.

\*\*\*\*

***Sibila Bilingue: a lenta escuta da alegria. Breve reflexão sobre aproximação, mediação e criação em conjunto***

**Marta Bernardes**

*Sibila Bilingue* é um projeto que une a escuta, o encontro, a poesia, a música e um gesto de aproximação às comunidades migrantes que habitam a Invicta, comunidades das mais diversas origens que dão hoje um colorido novo, belo e desafiante a uma cidade que nos obriga a pensar-nos nessa ponte entre duas línguas: cidade-bilingue de universos culturais, sociais, religiosos, musicais. Depois de um primeiro ano em que quatro jovens poetas portugueses se encontraram com 5 grupos de migrantes, sejam estas migrantes de facto ou de espírito, apresentámos os primeiros resultados desta colisão a baixa velocidade: os poemas de Francisca Camelo, Gisela Casimiro, e Miguel-Manso passaram pela invenção compositiva de José valente, estenderam-se ao ensemble improvável de músicos da Orquestra Filarmónica do Porto, para nos oferecerem um primeiro aroma das voz da comunidade Cigana, da comunidade Brasileira, Africana, da Asia do Subcontinente Indiano e da Europa de leste. Rui Spranger emprestou voz aos poemas lidos. O próximo ano deste projeto semeia-se nestas duas celebrações. Que a centralidade da cultura se faz duma progressiva e urgente abertura às margens.

#### **Marta Bernardes**

Nasceu em 1983 no Porto. Licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em 2006. Aprofundou o seu estudo em artes visuais e multimédia na Escola de Belas-Artes de Paris e fez o mestrado, em 2008, em Psicanálise e Filosofia da Cultura pela Universidade Complutense de Madrid, onde atualmente é doutoranda em Política e sociedade. Desde 2005 apresenta-se regularmente a público com obra plástica e audiovisual, assim como com peças de carácter performativo e musical, tanto de forma individual como colaborativa. Apresentou obra em Portugal, Espanha, Itália, Tunísia, França, Brasil, Marrocos e Canadá. Tem obra em coleções públicas e privadas. Editou Arquivo de nuvens (Cadernos do Campo Alegre, 2007), Ulisses (na coleção Rato da Europa, Pé de Mosca, 2013), Claviculária (Douda Correria, 2014), A Inocência das Facas (Tcharan, 2015), Achamento com Catarina Nunes de Almeida (do lado esquerdo, 2015), Barafunda, com Afonso Cruz (Caminho, 2015), e Ícaro (Mariposa Azul, 2016). É atualmente, entre outras coisas, a responsável pelos programas de mediação, e educação do Museu do Porto.

\*\*\*\*

### ***Museu do Traje de São Brás de Alportel - O Museu como Espaço de diálogo: co-criação e empoderamento das comunidades***

**Emanuel Sancho, Vânia Mendonça**

Vamos partilhar a experiência museológica coletiva que temos vindo a desenvolver no Museu do Traje de São Brás de Alportel, localizado numa zona rural no interior do

Algarve. O Museu, para além de ser um espaço guardião de memórias, trabalha com as comunidades na construção de uma identidade cultural forte preservando histórias, tradições e memórias, mas também construindo o futuro. Este processo é largamente participado, resulta do diálogo e da co-criação com as comunidades que tem sido desenvolvido ao longo dos anos. A comunidade é convidada a fazer parte de todo o processo museológico e a contribuir para a interpretação dos objetos, para a construção da narrativa e até para liderar iniciativas culturais. O Museu, por sua vez, desempenha o papel de mediador, de espaço de empoderamento, de facilitador de diálogo, fundamental na promoção da coesão social e na construção da identidade comunitária. A Museologia Social tem sido a ferramenta principal para a transformação e para a construção de pontes culturais.

### **Emanuel Sancho**

Diretor do Museu do Traje de São Brás de Alportel desde 1996. Membro dos corpos sociais da secção portuguesa do MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Museólogo do Ano em 2021 atribuído pela APOM – Associação Portuguesa de Museologia. Tem sido conferencista e autor de vários artigos na área da museologia social e história local.

### **Vânia Mendonça**

Natural de Olhão, é licenciada em Património Cultural pela Universidade do Algarve e mestranda em Turismo. Tem desenvolvido investigação, principalmente, no âmbito das experiências culturais e da sustentabilidade. É gestora e mediadora cultural no Museu do Traje de São Brás de Alportel e coordenadora do grupo de Amigos deste Museu desde 2008. É ainda conferencista e autora de vários artigos.